

CÁSSIO MURILO DIAS DA SILVA

Metodologia de exegese bíblica

Versão 2.0



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Cássio Murilo Dias da
Metodologia de exegese bíblica : versão 2.0 / Cássio Murilo Dias da
Silva. – 4. ed. rev. e atual. – São Paulo : Paulinas, 2022.
600 p. (Coleção Ciências bíblicas)

Bibliografia
ISBN 978-65-5808-166-1

1. Bíblia – Comentários 2. Bíblia – Crítica e interpretação 3. Bíblia –
Estudo e ensino 4. Bíblia – Hermenêutica – Metodologia 5. Bíblia – Leitura
I. Título II. Série

22-2753

CDD 220.601

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia: Exegese: Metodologia
2. Exegese bíblica: Metodologia

Foto da capa: Uma porção do texto hebraico de Jonas 1,
estudado nesta Metodologia, com destaque para o tetragrama sagrado dentro da chave.

4ª edição – 2022
revista e atualizada

Direção-geral: Flávia Reginatto
Editora responsável: Vera Ivanise Bombonato
Copidesque: Anoar Jarbas Provenzi
Coordenação de revisão: Marina Mendonça
Revisão: Equipe Paulinas
Gerente de produção: Felício Calegareto Neto
Capa e diagramação: Tiago Filu

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

Sumário resumido

Prefácio	9
Palavra inicial	11
Capítulo 1 – Quem faz exegese reza muitas vezes	17
Capítulo 2 – Texto original e texto traduzido	33
Capítulo 3 – Delimitação do texto	47
Capítulo 4 – Entrando em contato com o texto “original”	69
Capítulo 5 – Crítica textual	93
Capítulo 6 – Segmentação	127
Capítulo 7 – Análise da estrutura literária	147
Capítulo 8 – Análise lexicográfica	171
Capítulo 9 – Análise sintática	205
Capítulo 10 – Análise estilística	221
Capítulo 11 – Texto unitário e texto compósito	247
Capítulo 12 – Crítica dos gêneros literários	265
Capítulo 13 – Leitura sinótica dos evangelhos	343
Capítulo 14 – Crítica da tradição	377
Capítulo 15 – Crítica da redação 1: Expediente redacional	393
Capítulo 16 – Crítica da redação 2: Colocação literária	429
Capítulo 17 – Noções de poética hebraica bíblica	463
Capítulo 18 – Exemplos do Antigo Testamento	495
Palavra final	521

Referências bibliográficas	525
Índice temático	539
Índice de citações	549
Sumário completo	579

Prefácio

Naquela manhã, Nasrudin estava caminhando diante de sua casa e, visivelmente, estava procurando alguma coisa. Seu vizinho se aproxima e lhe pergunta: “Nasrudin, o que você está procurando?”. Nasrudin logo responde: “Estou procurando a chave da minha casa”. “Posso ajudar você a reencontrá-la?”, pergunta o vizinho. “Sim, obrigado!”, responde Nasrudin. E começam a procurá-la juntos, mas sem sucesso. Em certo momento, o vizinho fica em dúvida e pergunta a Nasrudin: “Mas onde você perdeu a sua chave?”, e Nasrudin, inalterável, responde: “Na minha casa”. “Mas, então, por que você está procurando na frente da sua casa e não dentro dela?”, acrescenta logo o vizinho, bastante espantado. Ainda inalterável, Nasrudin responde: “Porque aqui fora está claro!”.

Nasrudin é o herói de numerosas anedotas no Oriente Médio e Leste Europeu. Nunca se sabe exatamente se ele apenas finge ser tonto ou se, de fato, é tonto. Em alguns momentos, ele demonstra ter uma inteligência superior. Em todo caso, na anedota que escolhi para introduzir o esplêndido manual de Cássio Murilo Dias da Silva, Nasrudin surpreende muito, e é difícil dizer se está falando sério ou brincando. Escolhi esta anedota porque penso que muitos exegetas buscam as chaves dos textos bíblicos não onde elas estão escondidas, mas onde encontram claridade. Não encontram aquilo que buscam porque preferem o caminho largo ao caminho estreito do rigor e da precisão. Ora, o nosso colega Cássio Murilo oferece o instrumento adequado para permitir a todos que entrem na grande casa, ou melhor, no condomínio que é a Escritura e encontrem todas as chaves necessárias para entrar em cada um dos cômodos que valem a pena ser visitados. A imagem da casa de numerosos cômodos é antiga e remonta a um dos pais da nossa exegese bíblica, Orígenes (cerca de 183 – cerca de 253), que a toma emprestada de seus amigos rabinos (cf. *Filocalia*, 3)

O presente volume não fornece apenas todas as chaves desejadas. Oferece muito mais, porque traça também um itinerário a seguir para não se perder nos labirintos do imenso palácio das Escrituras. Primeiro, convida-nos a abrir o grande salão do texto e a vasculhar todas as suas prateleiras. Não se trata somente de identificar os volumes e os seus títulos. Trata-se também de abrir os volumes e de saber distinguir com clareza o conteúdo de cada um. Em seguida, abriremos, uma depois da outra, as portas de diversas oficinas, onde o aprendiz poderá seguir as etapas de um sério treinamento, que lhe permitirá, ao final, tornar-se um mestre no seu ofício de exegeta. Em cada uma das oficinas, ele encontrará diferentes ferramentas com um manual de instruções para utilizá-las. Aprendemos, em uma primeira oficina, a escolher os melhores utensílios para seccionar de modo adequado o texto a ser estudado. A seguir, passamos de oficina em oficina para identificar os utensílios que permitem ao artista (sim, o verdadeiro leitor é um artista) criar obras de arte exegéticas de diversos tipos. Depois, cada um tem a possibilidade de ver como proceder em cada caso, porque, como verdadeiro mestre, Cássio Murilo mostra não só quais são os instrumentos, mas também como utilizá-los. Em cada porta, o leitor encontra um resumo daquilo que encontrará naquela oficina e, ao sair, lhe será entregue uma série de livros e apetrechos para continuar o trabalho sozinho. Temos uma grande escolha, e o número de cômodos, oficinas, dispensas e depósitos é realmente impressionante. Uma série de portas leva aos modos de trabalhar o Antigo Testamento, enquanto outra série de portas conduz a oficinas dedicadas a aperfeiçoar técnicas para esculpir obras exegéticas sobre textos do Novo Testamento, particularmente os evangelhos sinóticos. Não faltam oficinas que capacitam para trabalhar com a poesia hebraica. Para terminar a visita, o autor nos permite entrar na sua própria oficina, a da sua tese doutoral, um trabalho concernente ao campo semântico da chuva. Enfim, uma bibliografia final e uma bela série de índices remissivos permitem encontrar no edifício aquilo que buscamos quando retornamos a ele com um propósito específico.

Para concluir, faço votos de que todos parem de buscar chaves de leitura da Bíblia somente onde pensam que haja clareza e de que, em

vez disso, entrem com confiança no edifício e abram, uma depois da outra, todas as portas do palácio imaginado pelo nosso mestre Cássio Murilo. Somos gratos e nos congratulamos pelo excelente manual que ele coloca à nossa disposição.

Jean Louis Ska

Pontifício Instituto Bíblico – Roma, 2 de março de 2022.

Palavra inicial

Vinte e dois anos e um doutorado depois!

O lançamento de *Metodologia de exegese bíblica*, em 2000, foi revestida de algumas incertezas. Até aquele momento, a temática da metodologia bíblica não havia dado mais do que tímidos passos no Brasil, e eram poucas as publicações para o âmbito acadêmico. Em 1994, foi traduzida a *Metodologia do Novo Testamento* de Wilhelm Egger. Regionalmente, no Rio Grande do Sul, desde meados da década de 1990, já era conhecido o manual *Exegese do Novo Testamento* de Uwe Wegner. Durante as correções nas provas de *Metodologia* já diagramado, foi lançado no mercado a *Metodologia do Antigo Testamento* de Horacio Simian-Yofre, Innocenzo Gargano, Jean-Louis Ska e Stephen Pisano. A própria Paulinas havia acabado de publicar, em 1999, um livro com temática semelhante – *A Bíblia à luz da história*, de Odette Mainville –, e uma nova obra sobre o assunto e na mesma coleção não deixava de ser uma ousadia, tanto do autor como da editora.

Mas a audácia trouxe seus frutos. Em pouco tempo, *Metodologia de exegese bíblica* se impôs como livro de referência para o estudo da exegese no Brasil, e não só para os que davam os primeiros passos nos estudos bíblicos. Muitos que o haviam utilizado como alunos posteriormente continuaram a utilizá-lo como professores.

Nas duas décadas após a primeira edição, foram feitas repetidas reimpressões. Mas não pude fazer grandes mudanças, atualizações e ajustes. Na verdade, fiz apenas uma correção pontual, para o que poderia ser considerada a segunda edição.

Esta nova versão reelabora radicalmente a anterior e reflete a mudança no âmbito da pesquisa bíblica no Brasil. Não só. Reflete também e principalmente a evolução acadêmica do autor: aquele era o livro do mestre, este é o livro do doutor. Quem conheceu a “versão 1.0” notará que desapareceram os capítulos referentes a outras leituras (antigos

capítulos 10 e 11): outras publicações tratam daquelas abordagens com maior profundidade que este livro. Desapareceu também a alegoria do estudante de música, o Zeca: a nova apresentação tornou-se mais madura, e aquele artifício pareceu-me desnecessário e sem lugar.

Aquele era o livro do mestre, este é o livro do doutor. Na prática, que significa isso?

Nos vinte e dois anos que separam uma versão da outra, tornei-me mais exigente com o que eu mesmo escrevo, tanto em relação ao conteúdo, como em relação à forma: estou muito mais atento aos argumentos e às eventuais objeções, cuido bem mais da clareza e da coerência na redação. Mas isso também tem seu ônus: fiquei muito mais preocupado com a completeza da exposição, e, por essa razão, alguns capítulos ficaram bem mais longos e minuciosos. Não só pelo gosto pessoal de discutir um assunto no qual me deleito, mas também porque cada ponto explorado em cada passo metodológico abre um universo de nuances, controvérsias e possibilidades de interpretação. Como exemplo, cito, no âmbito da crítica textual, as novas edições críticas, o Método Genealógico Baseado na Coerência e os estemas gerados pelo aplicativo *Genealogical Queries*.

Por essa razão, na redação deste livro, constantemente tive de reprimir meu impulso de seguir aprofundando uma discussão pontual. Algumas vezes, após redigir um longo parágrafo, dei-me conta de que ele continha muitas minúcias e que abria novos horizontes de discussão que fugiam ao objetivo estrito desta *Metodologia*, isto é, introduzir o leitor na prática exegética, e não esgotar o texto tomado como exemplo. E o longo parágrafo se tornou uma nota de rodapé!

Ao longo dos anos, não só a prática da exegese mas também a discussão teórica concernente a ela sempre estiveram presentes em meus artigos e livros. Muito do que publiquei foi, na verdade, reelaboração, correção e ampliação de vários pontos da *Metodologia* - versão 1.0. Por isso, na versão 2.0, tomo a liberdade de, em várias ocasiões, citar a mim mesmo e remeter o leitor ao texto mais longo que aqui resumo e adapto.

Apesar das mudanças, esta nova versão de *Metodologia* preserva a característica mais elogiada na versão anterior: a apresentação didática. Desde o início, imaginei o livro como um prolongamento de minhas aulas

e, por isso, transcrevo o que seriam as apresentações, as explicações e os esclarecimentos na academia. Tanto na versão antiga como nesta nova, percorro passo a passo as etapas de cada procedimento, como se estivesse conduzindo pela mão cada estudante pelo emaranhado da exegese.

Focado na didática, organizei todos os capítulos com um mesmo esquema básico. Começo sempre com uma seção intitulada “O que você vai aprender neste capítulo”: com frases breves, antecipo os tópicos que serão desenvolvidos nas páginas subsequentes.

Após um breve parágrafo introdutório, exponho o conteúdo propriamente dito. Evito entrar em longas discussões teóricas e em controvérsias que até hoje não chegaram a um consenso. Quando há questões de terminologia, evito entrar na polêmica, adoto a que me parece mais conveniente e sigo adiante com a exposição. Invariavelmente inicio com os fundamentos e os critérios de análise, para, depois, aplicá-los a uma perícope específica: o episódio da tempestade acalmada, na versão de Mc 4,35-41. Um passo metodológico após o outro, analiso sempre o mesmo texto sob várias perspectivas e, quando necessário ou interessante, remeto a outra análise, de modo a ajudar a formar o quadro geral. Por razões óbvias, tomo outro texto como exemplo apenas nos capítulos finais: um sobre poética hebraica bíblica e outro com exemplos do Antigo Testamento. Este último capítulo, aliás, é um breve extrato de minha tese doutoral.

Arremato cada capítulo com uma seção dirigida “Para quem quer ser mestre ou doutor”. Nela retomo detalhes da apresentação precedente e os direciono para a redação de um trabalho acadêmico: advirto contra erros e equívocos comuns, alerto contra alguns vícios de redação, dou alguns palpites de como organizar e apresentar a análise exegética em uma dissertação, tese ou artigo. Afinal, um bom exegeta necessita manusear a metodologia científica tão bem quanto manuseia a metodologia bíblica. Uma apresentação ruim, fragmentada e confusa prejudica a boa interpretação da Bíblia.

Estou certo de que as mudanças implementadas permitem afirmar que valeu a pena esperar vinte anos e um doutorado por *Metodologia de exegese bíblica* - versão 2.0.

Encerro esta introdução com os meus mais sinceros agradecimentos a quem colaborou e tornou possível este livro. Em primeiro lugar, a milhares de professores e estudantes que fizeram o sucesso da versão 1.0: espero que saboreiem esta nova edição tanto quanto saborearam a primeira. Agradeço também aos amigos e parceiros na pesquisa bíblica, com quem aprendi muito: as várias sugestões, correções e questionamentos que me fizeram foram essenciais para esta nova edição.

De modo especial, agradeço aos amigos e amigas que participaram da versão 1.0. Nominalmente cito cada um deles, bem como sua colaboração para aquele livro, conforme a ordem dos textos: Milton Schwantes, apresentação; Vitório Maximino Cipriani, leitura judaica; Domingos Zamagna, leitura patrística; Sônia de Fátima Batagin, leitura popular; Silvana Suaiden, leitura feminista; Airton José da Silva, leitura socioantropológica.

Agradeço também a Anoar Provenzi, por seu meticuloso trabalho de revisão e preparação do texto completo. Em um livro longo e repleto de minúcias como esta *Metodologia*, é natural que o autor deixe escapar detalhes, que não formule com clareza uma explicação ou que, ao lidar com conceitos de um campo de conhecimento que não domina plenamente, incorra em imprecisões. Por tal razão, as detalhadas correções e preciosas sugestões de Anoar foram decisivas para eliminar inexatidões e incongruências, bem como acrescentar alguns detalhes que, durante a redação, eu não havia incluído.

Por fim, agradeço à professora Rita de Cácia Ló, que tem duplo envolvimento com esta publicação. O primeiro liga-se à versão 1.0: enquanto eu redigia a primeira edição, ela foi minha aluna no mestrado e, portanto, integra o número dos tantos estudantes com quem tive a oportunidade de experimentar os passos da metodologia bíblica e que exigiram que eu aprimorasse a forma de apresentá-los. O segundo envolvimento é mais próximo: com a delicadeza e o carinho que lhe são peculiares, ela me ajudou a elaborar os índices desta nova edição. Sua doce companhia aliviou meu cansaço na etapa final de um trabalho intenso, concluído em tempos de confinamento, durante a pandemia do novo Corona Vírus (COVID-19).

Era desejo meu e da editora fazer o lançamento desta versão 2.0 ainda em 2020, na comemoração dos 1.600 anos de São Jerônimo, em 30 de setembro. Por causa da pandemia, nossos ritmos de trabalho (meu e da editora) foram profundamente alterados, e as últimas correções foram aplicadas às provas de diagramação entre janeiro e junho de 2022. Para mim, este período foi marcado pela Páscoa definitiva de dois grandes homens.

Em janeiro, meu pai, Caetano Dias da Silva. Marceneiro, poeta e, acima de tudo, sábio, meu pai viveu como um gigante e morreu como um passarinho. Mesmo idoso e enfermo, jamais perdeu o bom humor nem a ironia crítica e refinada. Nunca deixou de buscar compreender mais profundamente a Palavra de Deus.

Em maio, Johan Konings. Sacerdote jesuíta e mestre inigualável, que por décadas formou teólogos e exegetas, escreveu livros preciosos sobre a Sagrada Escritura e foi a verdadeira alma da Tradução Oficial da Bíblia da CNBB.

Em memória deles, entrego esta segunda versão de *Metodologia de exegese bíblica*, com o desejo de que ela sirva para o diálogo sem barreiras dos que estudam a Bíblia com paixão, a leem com humildade e a consideram o caminho para a comunhão, a justiça, a solidariedade e a vida.

Campo Limpo Paulista, solenidade de Pentecostes de 2022.

À espera do reencontro definitivo, na Jerusalém Celeste!

Capítulo 1

Quem faz exegese reza muitas vezes

O que você vai aprender neste capítulo

- a) Que a Bíblia não serve só para rezar.
- b) Que, para ler bem a Bíblia, é necessário aprender a fazer as perguntas certas.
- c) O que é um texto.
- d) O que significa a palavra “exegese”.
- e) O que significa leitura diacrônica e leitura sincrônica do texto bíblico.



Exegetas e teólogos não leem a Bíblia do mesmo modo. A querela não é nova, e, ao longo da história do cristianismo, houve momentos de maior ou de menor tensão. O próprio Jerônimo, hoje tão venerado por sua tradução da Bíblia para o latim, foi, em seu tempo, acusado de falsificar as Escrituras. Em mais de uma ocasião, ele teve de defender-se ou justificar suas opções de tradução, a começar pela escolha do hebraico como texto-base para o Antigo Testamento. Um de seus críticos foi Agostinho: este, temendo que as inovações adotadas na *Vulgata* perturbassem as comunidades, chegou a questionar a capacidade de Jerônimo para traduzir o texto bíblico e, mais ainda, permitiu-se dar-lhe opiniões e recomendações sobre qual texto deveria traduzir e como.

Hoje, a discussão acerca do texto bíblico deixou de ser apenas uma questão de tradução e açambarcou também a interpretação; mas permanece a desconfiança acerca de novas perspectivas e abordagens.

Os exegetas leem o texto bíblico sem a preocupação de buscar argumentos doutrinários e morais e, por isso, muitas vezes são rotulados como aqueles que fazem uma leitura sem fé e rezam muito pouco.

No entanto, quem faz exegese reza muitas vezes!

1. Reza muitas vezes?

Novamente, Agostinho! Tradicionalmente, é atribuída a ele a afirmação: “Quem canta reza duas vezes”. Esta frase motivacional, porém, não é encontrada em nenhum dos escritos do bispo de Hipona¹. Mesmo assim, ela é usada repetidamente para enaltecer o canto como uma forma de oração superior ao silêncio ou à recitação. Sem dúvida, o canto eleva a alma e permite externar emoções, sentimentos, anseios, esperanças, dores e muitos outros estados de ânimo com maior intensidade do que outros tipos de prece. Não raro, em retiros espirituais, o pregador acertadamente recorda que a oração é um dos modos de alimentar o espírito e viver em comunhão com Deus. Outros modos são: o jejum, a esmola,

¹ A afirmação de Agostinho que mais se aproxima encontra-se no comentário a SI 72(73),1: *Hymni laudes sunt Dei cum cantico: hymni cantus sunt continentes laudem Dei. Si sit laus, et non sit Dei, non est hymnus: si sit laus, et Dei laus, et non cantetur, non est hymnus. Oportet ergo ut, si sit hymnus, habeat hæc tria : et laudem, et Dei, et canticum. Quid est ergo, Defecerunt hymni? Defecerunt laudes quæ cantantur in Deum. Molestam rem et quasi luctuosam videtur nuntiare. Qui enim cantat laudem, non solum laudat, sed etiam hilariter laudat : qui cantat laudem, non solum cantat, sed et amat eum quem cantat. In laude confitentis est prædicatio : in cantico amantis affectio. [Os louvores de Deus acompanhados de cânticos chamam-se hinos. Hinos são cantos que contêm louvores a Deus. Se é louvor, mas não de Deus, não se chama hino; se é louvor, e louvor de Deus, mas não é cantado, não é hino. Para merecer o nome de hino deve conter estes três requisitos: ser louvor, e louvor de Deus, e cântico. Que dizer então: “Terminaram os hinos?” Terminaram os louvores cantados a Deus. Parece notícia má e lutuosa. Quem canta o louvor, não apenas canta, mas louva também com alegria; quem canta o louvor, não somente canta, mas ainda ama aquele a quem canta. Constitui uma pregação uma pregação o louvor de quem confessa, e o cântico de quem ama desperta a afeição]. Texto latino, conforme PL 36, col. 914. Tradução em português, em AGOSTINHO, *Comentário*, p. 556.*

a frequência nas celebrações, a prática do perdão; para os católicos, insiste-se na frequência aos sacramentos, principalmente da eucaristia e da reconciliação.

Certa vez, tive a oportunidade de ouvir a pregação de um monge que insistia exatamente nessas práticas. Assim que ele terminou, procurei-o e perguntei diretamente: “Mas... o estudo da Palavra de Deus e da teologia não é também um modo de alimentar o espírito e de fortalecer a comunhão com Deus?”. Ele me olhou assustado e respondeu: “Sabe que eu nunca tinha pensado nisso?”.

Pois é... Se a verdade está em Deus, buscar a verdade por meio do estudo é um modo de buscar a Deus!

No caso da Sagrada Escritura, a curiosidade, o questionamento e o desejo de saber não são características de quem nega que a Bíblia seja Palavra de Deus. Ao contrário, partindo do princípio de que só se pode amar aquilo que se conhece, quem muito estuda a Bíblia, muito a conhece e, portanto, muito a ama! Muitas pessoas (inclusive da hierarquia eclesial) afirmam que quem estuda a Bíblia perde a fé. No entanto, é necessário questionar. Perde a fé? Ou perde um tipo de fé (mais devocional e simples) para encontrar outro (mais crítico e maduro)?

A tarefa da exegese não é fácil. Em primeiro lugar, exige dedicação, tempo e concentração; muitas vezes, é um trabalho árduo e solitário. Segundo, invariavelmente leva a dismantelar certezas e interpretações que estavam já sedimentadas há anos. Isso significa que o exegeta deve estar aberto ao novo e disposto a deixar cair por terra conceitos secundários e até mesmo errôneos, para renovar sua opção de fé com bases mais sólidas e com convicções que não dependam primariamente de elementos afetivos e devocionais.

Ao contrário do que alguns afirmam, o exegeta não descarta nenhum dos passos da *lectio divina*². Não os descarta nem os despreza; antes, o exegeta os pratica ao extremo, mas não do modo convencional. De fato, o exegeta lê e relê o mesmo texto muitas vezes, em várias

² Esta é a denominação em latim da “leitura orante”. Só para recordar, os quatro passos clássicos são: leitura, meditação, oração, contemplação.

línguas, em várias perspectivas, com muitas perguntas e, por vezes, com poucas respostas.

Não só. Quem faz exegese pensa e medita o texto bíblico muitas vezes. Quem faz exegese sonha com o texto bíblico muitas vezes, porque não consegue se desligar dele antes de encontrar as respostas que busca e só descansa quando contempla uma saída do beco ao qual sua pesquisa o levou. Em outras palavras, o exegeta lê o texto muitas vezes, medita muitas vezes, contempla muitas vezes. Em resumo, quem faz exegese reza muitas vezes!

2. A Bíblia não serve só para rezar

Já tive a oportunidade de discorrer longamente sobre o que acabo de afirmar neste intertítulo³. Para não me repetir aqui, remeto o leitor àquele escrito. Reafirmo apenas que o caminho mais curto para não compreender o texto bíblico é querer chegar logo à sua mensagem.

Muitas vezes, quem lê a Bíblia tem a ânsia de encontrar rapidamente o significado espiritual ou moral do texto e, por isso, vai impondo ao texto suas perguntas e, não raro, suas próprias respostas, suas ideias e suas interpretações previamente estabelecidas. Todas essas imposições violentam o texto bíblico, que não se reduz a um repertório de orações e bons conselhos.

Muitas pessoas que rezam com a Bíblia não se preocupam em *ler* a Bíblia! O verbo “ler”, neste caso, não significa percorrer as palavras com os olhos, e sim buscar nas palavras o sentido profundo do texto e daquilo que ele transmite. Por isso, é necessário admitir que a Bíblia, antes de servir para rezar, serve para ser lida. E não há nenhuma heresia nessa afirmação. Aliás, a própria *lectio divina* tem como primeiro passo uma leitura não somente lenta e atenta do texto bíblico, mas, sobretudo uma leitura inteligente, isto é, sem descuidar da sintaxe, da semântica, da simbologia, dos modos de dizer. Em outras palavras, uma boa oração com a Bíblia depende de uma boa leitura da Bíblia. Para rezar bem, é necessário ler bem! Quem lê bem a Bíblia reza duas vezes!

³ SILVA, *A Bíblia*, especialmente pp. 27-80.

Por isso, quem ama a Bíblia há que se perguntar: Como leio o texto que considero sagrado? Quando me aproximo dele, deixo que ele me conduza ou, ao contrário, imponho-lhe minhas ideias? Em outras palavras, efetivamente, estou lendo o texto bíblico ou o estou violentando?

Com efeito, ao forçar o texto a responder determinadas questões, o leitor abdica da finalidade específica da Escritura: ela existe para ser saboreada, ela existe para ser lida! Nem sempre o leitor se dá conta de que fazer uma leitura condicionada a interpretações previamente estabelecidas já não é mais ler, e sim usar a Escritura de modo fundamentalista, como um depósito de argumentos ou de verdades⁴. Para quem pratica a leitura fundamentalista, a plenitude da revelação é a Bíblia, não Jesus Cristo!

3. É necessário aprender a ler

Para rezar bem, é necessário ler bem. Mas... o que significa “ler bem”?

Antes de mais nada, significa estabelecer um diálogo com o texto, um diálogo no qual se fazem as perguntas certas, isto é, aquelas que o texto tem condições de responder! Tal afirmação remete a algo crucial: a questão do *método*.

Para os estudiosos da Bíblia, há muito tempo a “Sagrada” Escritura deixou de ser apenas “o livro que traz a Palavra de Deus” e reconquistou sua identidade de livro que traz também a palavra humana. Dito de outro modo, na Bíblia, a Palavra de Deus é expressa por meio de

⁴ O fundamentalismo em geral e, em particular, a leitura fundamentalista da Bíblia, de tempos em tempos, voltam a crescer e a fazer estragos, não só no que se refere ao universo religioso (cultos, pregações, práticas comunitárias etc.), mas também na sociedade em geral, pois promovem fanatismos, reducionismos, preconceitos, truculências, intolerâncias e outros problemas. A bibliografia sobre o tema é vasta. Para a leitura fundamentalista da Bíblia, ver WITHERUP, *Fundamentalismo* e, mais brevemente, o meu já citado SILVA, *A Bíblia*, pp. 15-20. Para a opinião da Igreja Católica, ver PONTIFÍCIA Comissão Bíblica, *A interpretação*, pp. 82-86, comentado em FITZMYER, *A Bíblia*, pp. 65-69.

palavras humanas. Por isso, Deus e o homem são coautores da mesma obra literária⁵. Sem deixar de ser Palavra de Deus, a Bíblia é um livro plenamente humano, uma vez que é uma obra consciente e intencional (quem escreveu sabia o que estava escrevendo e assim o queria) e também uma obra cultural (condicionada pela língua, pela história, pelo conhecimento técnico e pela sociedade de quem escreveu). Em outras palavras, a Bíblia não é somente um repertório de argumentos e de provas teológicas e dogmáticas; é também e principalmente um livro que, como todo texto literário, quer também informar, divertir, provocar, fazer pensar. A Bíblia é um livro vivo e, como tal, quer entrar em diálogo com o leitor, influenciar sua vida, sua consciência, suas decisões, suas estruturas mentais.

Em resumo, a Bíblia é e sempre será uma obra literária, e como obra literária ela deve ser lida, estudada, respeitada. Ter uma postura assim diante dela em hipótese alguma é desvalorizá-la; antes, é recolocá-la em seu devido e precioso lugar e, desse modo, revalorizar o que nela há de inspirado.

Uma vez que considerar a Bíblia como obra literária é um passo necessário para lê-la como livro vivo, o modo mais eficaz para matá-la é não aceitar que ela seja obra de literatura. Tal atitude de negação vilipêndia a liberdade do texto bíblico.

4. Mas... o que é mesmo um texto?

A palavra “texto” vem do latim *textus*: “tecido, trama”. O conceito de texto pode ser avaliado sob vários pontos de vista e, por conseguinte, ganhar várias definições. Não pretendo entrar nesse intrincado debate; quero apenas arrolar algumas características de um texto literário, sem pretender forjar uma definição mais rígida.

⁵ Para descrever este processo no qual a Palavra de Deus assume a forma da palavra humana, a teologia, desde o início da Igreja, utiliza duas categorias: “inspiração” e “revelação”. Trata-se de dois aspectos ou momentos nem sempre nitidamente distintos e que se relacionam de modo intrincado e por influência mútua, a ponto de um condicionar o outro.

Antes de mais nada, convém lembrar que o texto pode ser decomposto em elementos menores: as frases. Estas, por sua vez, decompõem-se em elementos menores ainda: as palavras. Dito de outro modo, e começando pelo fim, as palavras se articulam e interagem em frases, que, por sua vez, se articulam e interagem no texto. Isso significa que o sentido do texto deve ser buscado não somente no conjunto, mas também em cada um de seus elementos, que se articulam em vários níveis para formar o todo.

Os fatores que concorrem para a articulação e a interação desses elementos pertencem a distintos aspectos linguísticos:

- a) *Fonético*: a configuração sonora do texto.
- b) *Morfológico*: os signos linguísticos menores e suas propriedades, as categorias gramaticais (verbos, substantivos etc.).
- c) *Sintático*: a articulação das palavras na frase.
- d) *Semântico e lexicográfico*: a significação e as nuances das palavras e dos sintagmas, em cada frase e no todo.
- e) *Estilístico*: a elegância do texto (mais poético ou não, mais redundante ou não).

Conforme a maior ou menor presença desses vários fatores, o texto pode ter um maior ou menor grau de coerência.

Outra qualidade do texto é sua delimitação. Em linguagem mais coloquial, um texto precisa ter “começo, meio e fim”. As ciências bíblicas utilizam um termo técnico para designar uma unidade literária que preenche tais requisitos: “perícopes”. Várias perícopes formam um texto mais complexo; vários textos mais complexos se articulam de vários modos e em vários níveis para compor um livro. Dito de outro modo, nenhum texto é uma entidade isolada.

Por outro lado, cada texto individualmente e o livro no seu conjunto se inserem no amplo contexto do processo da comunicação linguística, que, por sua vez, é um processo carregado de deturpações: o autor percebe a realidade de modo parcial e, para traduzir e transmitir tal percepção parcial da realidade, está condicionado à língua que fala, à cultura na

qual vive, aos meios materiais e simbólicos da comunicação (pinturas rupestres, escrita, rádio, jornal, *internet*, redes sociais etc.).

Por fim, todo texto é construído com um determinado sistema sógnico. Para que o processo comunicativo aconteça, autor e leitor devem ter um sistema sógnico comum. No caso da Bíblia, é necessário levar em consideração as distâncias entre autor e leitor: tempo, espaço, cultura, língua etc. Uma das tarefas da exegese bíblica é exatamente aproximar o máximo possível o leitor do autor, para que a comunicação seja eficiente.

5. O texto: da produção à leitura

Quando alguém decide produzir um texto, concorrem, de sua parte, os seguintes fatores:

- a ideia ou o aspecto dela que quer transmitir,
- as fontes (orais ou escritas) de que dispõe,
- os signos disponíveis em sua cultura e em sua língua,
- a ideia que faz do leitor a quem escreve,
- o efeito que quer produzir no leitor.

Mas, imediatamente após sair das mãos do autor, o texto torna-se autônomo, passa a ter vida própria. Enquanto o autor ainda está vivo, é possível consultá-lo e perguntar o que de fato tinha em mente quando escreveu. Porém, à medida que autor e leitor se distanciam no tempo, no espaço, na cultura etc., o leitor não pode mais consultar o autor: o leitor passa a ter somente o texto.

É exatamente isso o que acontece com a Bíblia: o autor bíblico se comunica com seu leitor unicamente por meio do texto. O leitor, por sua vez, deve levar em consideração que:

- a) o autor bíblico e o leitor de hoje pertencem a mundos e culturas diferentes: os signos e as categorias do autor nem sempre são naturais ao leitor;
- b) o leitor de hoje não foi previsto pelos autores da Bíblia;

- c) até chegar ao leitor de hoje, o texto bíblico teve de superar obstáculos, sofreu mutações, foi interpretado sob diversas perspectivas, foi lido e aplicado a novas situações e, muitas vezes, produziu efeitos diferentes dos pretendidos pelo autor;
- d) o texto se tornou estável: as edições impressas eliminaram o risco de mudanças (voluntárias ou involuntárias), comuns nos manuscritos. Com isso, as divergências ficam por conta das interpretações; em caso de dificuldades, o leitor de hoje continua não podendo consultar diretamente o autor, mas pode sempre reler o texto e assim confirmar ou modificar suas próprias interpretações.

Ler, portanto, é decifrar, é decodificar. Para decifrar, é necessário fazer perguntas. A competência de uma leitura depende diretamente da capacidade que o leitor tem para formular as perguntas adequadas, que concernem a uma larga gama de informações intimamente relacionadas e que incluem o próprio leitor.

A respeito do autor, as perguntas são:

- Quem elaborou o texto?
- Quem era(m) o(s) primeiro(s) destinatário(s)? A quem, de fato, o autor escreveu? Para quais leitores foi destinado o texto?
- Com qual intenção ele escreveu? Que efeito quis provocar?
- Qual o conteúdo? Qual o assunto?
- Com qual código? Com qual forma? Com quais palavras? Com quais símbolos? Com quais figuras de linguagem?
- Quando?
- Onde?

Quanto ao leitor de hoje, que se apropria do texto como o destinatário atual, há que se perguntar:

- Quem é o atual leitor?
- Como ele decifra o código? Quais suas competências (conhecimentos e saberes) ele tem para fazê-lo?

- Com qual intenção ele lê o texto? Qual o tipo e a finalidade da leitura?
- Quais efeitos o texto pode provocar no leitor de hoje?

Muitos leitores da Bíblia não conseguem superar uma interpretação superficial, e isso por uma simples razão: mais do que não saber procurar respostas, elas não sabem fazer perguntas. Ler significa perguntar, ou melhor, *aprender* a perguntar.

No que se refere à Bíblia, é necessário dizer que nunca se deve perguntar: “Foi exatamente assim que as coisas aconteceram?”. Este é um questionamento inadequado, porque o primeiro interesse dos autores bíblicos nunca foi a imparcialidade, isto é, jamais pretenderam narrar acontecimentos de modo neutro. Ao contrário, sua intenção era persuadir e convencer a qualquer custo seus leitores. Para os autores, a verdade jamais foi algo científico e imparcial, mas uma opção de fé, com consequências para a vida prática, moral e religiosa de seus leitores.

Por isso, diante de um texto bíblico, a verdadeira pergunta que o leitor (tanto o pretendido pelo autor, como o de hoje) deve fazer ao autor é: “Por que você me conta *isso* e *desse modo*?”

- “Por que você me conta *isso*?”: Por que me conta esses fatos e não outros? Por que relata esses acontecimentos e deixa de lado outros, às vezes de maior grandeza ou repercussão histórica? Por que fala essas coisas e não outras? Por que quer me transmitir esses ensinamentos?
- “Por que você me conta *desse modo*?”: Por que exagera em certos detalhes e omite outros? Por que usa essas palavras? Por que insiste nessas ideias? Por que usa uma poesia, um diálogo ou uma parábola?

6. Qual tipo de leitura?

No título deste livro, o termo principal é a palavra “exegese”. Muitas vezes sou perguntado sobre o que este termo significa. Sumariamente, explico que ele vem do verbo grego ἐξάγω, que significa: “levar

para fora, tirar, extrair, fazer sair”, e arremato dizendo que exegese é a ciência da interpretação que “extrai” o significado que está oculto no texto. Isso está correto; mas não é tudo.

A exegese – do verbo grego ἐξάγω [*levo para fora, tiro etc.*; aoristo: ἐξήγαγον] – pertence às chamadas “ciências bíblicas”, isto é, um conjunto de abordagens críticas altamente elaboradas, corrigidas e completadas ao longo de séculos⁶. Em outras palavras, a exegese bíblica é uma *leitura científica* da Sagrada Escritura judaico-cristã. Isso não quer dizer que a exegese aplica à Bíblia o instrumental das várias ciências modernas (psicanálise, medicina, sociologia), e sim que lê o texto bíblico de modo científico, isto é, que usa metodologias, pressupostos e critérios para “extrair, levar para fora” o significado mais profundo. Fazer exegese, portanto, é romper a superficialidade da explicação imediata e aparente, e buscar outros significados, outros sentidos e outras relações.

Para ser completa, a exegese bíblica deve ser realizada em duas direções. Em primeiro lugar, é necessário analisar o texto (uma passagem breve ou mesmo todo um livro) em sua condição atual. Esta leitura é chamada de “sincrônica” (do grego σύν [*junto, com, numa só vez*] + χρόνος = *tempo*), porque não leva em conta os diferentes momentos do processo de elaboração de um escrito, mas se preocupa com o resultado final que agora é conhecido. No entanto, esta abordagem é insuficiente e necessita de uma complementação. Por isso, a segunda direção dos estudos exegéticos preocupa-se, precisamente, em explicar como aquela passagem ou aquele livro chegou a ser o que é. Esta abordagem é chamada de “diacrônica” (do grego διά = *durante, através de, ao longo de* + χρόνος = *tempo*), porque analisa a história da composição e as sucessivas etapas da redação de um texto.

Sincronia e diacronia são termos tomados por empréstimo da semiótica/semiologia e, com alguma modificação, aplicados à exegese. Um exemplo bastante simples pode ajudar a compreender o uso dessas categorias nas ciências bíblicas. Quando pego um álbum de fotografias

⁶ Apresentações do percurso histórico da exegese bíblica encontram-se em GILBERT, *Pequena*; PARMENTIER, *A Escritura*; FITZMYER, *A Interpretação*; KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR., *Introdução*, pp. 79-143. Ver também SKA, *Espelhos*.

e olho o retrato mais recente de toda a família, vejo avós, pais, filhos, genros, noras, netos etc. Observando atentamente as pessoas, posso estabelecer os vínculos entre elas: quem é casado com quem, quem é filho ou neto de quem etc. É a família como está hoje. Neste caso, estou fazendo uma leitura sincrônica.

Mas posso fazer outra leitura do mesmo retrato: posso observar como as pessoas envelheceram, quem se casou, quem nasceu, que já morreu e, por isso, não está na fotografia; mais ainda, posso percorrer as fotografias mais antigas daquele mesmo álbum (ou de outros) e observar como eram as pessoas em outros tempos, bem como as roupas, os cabelos, o ambiente etc. Desse modo, faço uma leitura diacrônica.

O mesmo acontece quando se faz exegese bíblica. Ao ler uma perícope em seu estado atual, o exegeta observa como os elementos textuais interagem e os analisa na sua simultaneidade. É a leitura sincrônica, como a de quem olha atentamente uma única fotografia. Por exemplo, quando o exegeta lê o relato de um milagre de Jesus: sua atenção está voltada para a estrutura ou o esquema daquele texto isoladamente, para o vocabulário e para as figuras de linguagem utilizados naqueles versículos.

Contudo, quando compara vários textos de alguma forma relacionados e procura notar as diferenças e as semelhanças entre eles, este mesmo exegeta faz uma leitura diacrônica, como quem coloca lado a lado várias fotografias de várias épocas diferentes. O exegeta pode perceber as mudanças, as lacunas e as constâncias naqueles textos. Continuando o exemplo: ao comparar vários tipos de milagres realizados por Jesus, o exegeta percebe que todos eles estão organizados do mesmo modo e logo constata que há um esquema previamente estabelecido para contar todo e qualquer milagre, não importa de que tipo. Um ou outro relato pode ter elementos a menos, ou, inversamente, alguma novidade, mas os componentes básicos são os mesmos. A leitura diacrônica explora esse aspecto que não era possível observar na leitura sincrônica.

Os procedimentos considerados de “leitura sincrônica” são vários, tais como: a análise da estrutura literária, as várias análises linguísticas, a análise narrativa e a análise poética. Também são vários os procedimentos da “leitura diacrônica”, entre eles: a crítica da constituição do

texto, a crítica dos gêneros literários e a crítica da redação. E, uma vez que a leitura diacrônica estuda os vários estágios da formação do texto, os vários procedimentos que a compõem formam o chamado “método histórico-crítico”.

Como muitas vezes acontece, pode ser que a leitura sincrônica suscite questões que só terão resposta na leitura diacrônica. Por outro lado, pode acontecer também que a leitura diacrônica evidencie problemas que só se explicam à luz da leitura sincrônica. Isso significa que o exercício completo da exegese é um contínuo movimento de vai e vem entre uma leitura e outra, observando o texto de vários ângulos, olhando atentamente cada detalhe sem perder o conjunto. Em outras palavras: um olho na sincronia, outro na diacronia.

Permito-me recorrer à linguagem coloquial e dizer que fazer exegese bíblica é “namorar o texto”, com tudo o que um namoro significa: paixão pelo texto, incompreensão do texto, briga com o texto, saudade do texto, prazer com o texto. Além disso, o namoro serve para romper as fantasias a respeito da pessoa amada e conhecê-la mais profundamente; também a exegese leva a romper esquemas devocionais e a perder o medo de questionar. Por isso, não fique assustado se a exegese não confirmar o que você pensa, nem desanime se as ciências bíblicas colocarem em xeque seu último retiro espiritual!

Por outro lado... quem faz exegese reza muitas vezes!



Para quem quer ser mestre ou doutor



A leitura sincrônica e a leitura diacrônica são complementares. Isso significa que, se você quer ser um exegeta competente, deve aprender a fazer as duas.

Antes que você me pergunte por qual delas começar, vou logo dizendo: comece pela leitura sincrônica!

A razão é simples: é mais prudente primeiro compreender o texto como ele está hoje, e só depois questionar como ele chegou a ser o que é.

Mas preste atenção no seguinte: uma coisa é a pesquisa e os rascunhos que você rabisca; outra coisa é o texto da sua dissertação ou tese. Um erro muito comum de mestrandos e doutorandos é transcrever para a redação final do trabalho tudo o que foi anotado nos rascunhos. Lembre-se: a redação final deve ser clara, objetiva e amadurecida.

Que significa isso?

Quando se estuda um único texto (ou mesmo que sejam poucos), quase sempre a dissertação ou tese tem uma seção para a leitura sincrônica e outra para a leitura diacrônica. E se você tiver de analisar muitos textos? Nesse caso, talvez não seja conveniente (nem possível) reservar, para cada um deles, uma seção sincrônica e outra diacrônica; talvez você tenha de incluir na redação somente os dados de uma e de outra leitura que interessam para aquilo que você quer demonstrar.

Foi o que aconteceu comigo em minha tese doutoral. Analisei muitos textos bíblicos nos quais YHWH⁷ aparece como o criador e dominador das chuvas na Bíblia Hebraica. Isso bastou para oferecer um forte eixo de leitura transversal e me ajudou a selecionar textos e a filtrar informações. Na elaboração final do trabalho, muitos dados que eu havia levantado

⁷ O conjunto de quatro letras que em hebraico compõe o nome do Deus de Israel é chamado de “tetragrama sagrado” e, por tal razão, nunca é pronunciado. Além disso, tanto seu significado exato como sua pronúncia são objetos de controvérsias entre os estudiosos. Nesta *Metodologia*, evito vocalizações e aportuguesamentos (Yahweh, Javé etc.) e utilizo pura e simplesmente “YHWH”. Sugiro que o leitor siga o costume rabínico e pronuncie “Adonai”.

nas leituras sincrônicas e diacrônicas de cada texto acabaram não entrando.

Além disso, para que o texto não ficasse engessado por um rigorismo acadêmico, mas, ao contrário, fosse fluente, evitei títulos como “leitura sincrônica” e “leitura diacrônica”. Isso não quer dizer que não as fiz.

Quer ler um pedaço de minha tese? Veja o capítulo 18 desta *Metodologia* e confira: para cada texto analisado, começo sempre com elementos da leitura sincrônica e aos poucos vou acrescentando elementos da diacrônica.